

## REUNIÃO DE PAIS COMO UMA PRÁTICA AVALIATIVA REFLEXIVA E FORMATIVA<sup>1</sup>

*Anaína Souza Santana*<sup>1</sup>

FICS-Facultad Interamericana de Ciencias Sociales

**RESUMO:** Este artigo, pretende através de uma pesquisa bibliográfica e de campo, discutir e refletir sobre o propósito da reunião de pais como uma prática avaliativa reflexiva e formativa, bem como sua relevância para o fortalecimento dos laços afetivos e interativos entre todos os integrantes da comunidade escolar. A proposta deste artigo é dialogar com os conceitos inerentes as palavras educar, educação e a representatividade da família junto a escola numa perspectiva de compartilhamento de responsabilidades, vez que ambas almejam os mesmos objetivos em relação ao sujeito filho/aluno. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, os dados foram coletados através de análise documental e de questionários aplicados aos professores e alunos. Os dados foram analisados sob a teoria de Minayo (2001). Os documentos analisados foram: PPP (Projeto Político Pedagógico) e Planos de Curso (2018). A fundamentação teórica se embasou nos estudos realizados por Caetano (2009), Franco (2010), Freire (2005), Luckesi (2006), Paro (2007), Parolim (2003), Piaget (2007), Reis (2007), Sandi (2008). A análise aponta, entre outros, a necessidade da inserção da família de forma efetiva no contexto escolar participando ativamente das decisões e cooperando para busca de ações conjuntas para o aprendizado do educando.

**Palavras chave:** Escola. Família. Participação.

### Introdução

O verbo educar provém do latim educare, de acordo o dicionário Aurélio a palavra educar significa: dar ou oferecer (a alguém) conhecimentos e atenção especial para que possa desenvolver suas capacidades intelectuais, morais e físicas. O Aurélio conceitua a palavra educação como ato ou efeito de educar de aperfeiçoar as capacidades intelectuais e morais de alguém; educação formal.

Este conceito nos traz reflexões sobre a pluralidade do significado do verbo educar e do substantivo Educação no sentido mais amplo da palavra, que compreende a formação física, moral, cultural e intelectual do indivíduo.

---

<sup>1</sup> O Presente artigo é fruto de parte de um dos tópicos abordados em uma pesquisa de mestrado em andamento e tem como objetivo compreender as práticas avaliativas, seus sentidos e significados refletidos no desempenho da aprendizagem escolar.

O termo avaliar, pode ser utilizado em diversos contextos seja escolar ou não, sendo a ação educativa parte integrante da história da humanidade.

Educação é uma prática social (como a saúde pública, a comunicação social, o serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento. (BRANDÃO, 2007, p.73)

Nesta perspectiva a família e escola necessitam estabelecer uma relação interativa, dialógica e de confiança proporcionando um processo de aprendizagem efetivo e significativo para o indivíduo que tem o papel de aluno para a instituição escolar e de filho para a instituição familiar.

[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (PAROLIM, 2003, p. 99)

De acordo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases-Lei 9.394/96) em seu Art.1º - A Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Aproximar os pais da escola é um fator condicionante ao bom desenvolvimento do educando e para as relações sócio afetivas de toda comunidade escolar. A constituição Federal de 1988, em seu Artigo 205 nos diz que “a educação é um direito de todos e dever do Estado e da Família”. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em seu artigo 4º reitera o dever da família na formação educacional dos filhos:

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e a convivência familiar e comunitária”. (BRASIL, 1990, p.20)

A legislação é clara quanto a inclusão da família no contexto escolar. Marchesi (2004) nos diz que a educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha sem a cooperação de outras instituições.

### **Reunião de Pais: Caminho para uma Educação Cooperativa e Participativa**

A família além de ser uma instituição, é a mais próxima que a escola tem do estudante, daí a necessidade de engaja-la no processo de aprendizagem, visto que, ambas possuem objetivos comuns e desejam o pleno desenvolvimento do educando. Segundo Reis (2007, p.6) “A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos”.

Nesse sentido Symansky (2001), nos diz que o papel da escola na contribuição do sujeito, quer em seu desenvolvimento pessoal ou emocional é primordial. Na mesma direção Prado (1981) afirma que a família não é um simples fenômeno natural, mas pelo contrário, é uma instituição social que varia no tempo e apresenta formas e finalidades diferentes dependendo do grupo social em que esteja.

O exercício da democracia no âmbito escolar passa também pelas reuniões de pais, onde reflexões e ações são direcionadas para o desenvolvimento e aprimoramento do ensino e da aprendizagem. Assim, fica evidente a necessidade de a escola buscar subterfúgios que contemplem a participação efetiva da família no processo de ensino aprendizagem do educando. Como diz Piaget (2007):

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50)

Portanto, podemos inferir que educar não é um ato isolado, somos seres sociais e consequentemente históricos. A própria condição social exige interação e compartilhamento. Dividir responsabilidades no âmbito educacional se caracteriza como um elo potencializador das relações de confiança entre todos os envolvidos no processo de aprendizagem, evitando que um tente transmitir ao outro a culpa pelo não aprendido.

A função educativa da escola está associada ao dever dos pais de prover a educação filhos e para que haja uma efetiva formação destes, o bom convívio e engajamento é necessário.

As reuniões de pais se caracteriza como uma prática avaliativa no momento em que ações pedagógicas no consenti a avaliação são voltadas para os aspectos formativos.

A avaliação formativa pode contribuir para o aperfeiçoamento da ação docente, fornecendo ao professor dados para adequar seus procedimentos de ensino às necessidades da classe. A avaliação formativa pode também ajudar a ação discente, porque oferece ao aluno informações sobre seu progresso na aprendizagem fazendo-o conhecer seus avanços, bem como suas dificuldades, para poder superá-las. (HADYT, 1997, p. 292-293)

Nesta perspectiva a avaliação formativa é dialógica e sua função se volta para o ensino, ensino através da própria avaliação que tem o poder não de classificar, excluir ou mensurar, mas o poder de ensinar através dos erros e dificuldades. É neste contexto que se materializa o poder transformador do diálogo entre os alunos, os pais e a escola.

Assim, as reuniões de pais e mestres devem ocorrer no início do ano letivo com objetivos definidos pela instituição e não ao final do fechamento de cada unidade letiva, imprimindo nos pais a ideia errônea de que o encontro será para discutir sobre “aprovação e reprovação” ou “bom e mau comportamento”.

### **Resultados e discussões**

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, no município de Guanambi-Ba, com a coordenação pedagógica, gestores, 08 professores e 40 alunos do 3º ano do ensino médio. Com o objetivo de discutir e refletir sobre o propósito da reunião de pais como uma prática avaliativa reflexiva e formativa, bem como sua relevância para o fortalecimento dos laços afetivos e interativos entre todos os integrantes da comunidade escolar refletidos num caminho para uma aprendizagem cooperativa e participativa.

O cunho qualitativo se caracterizou por estarmos em contato direto com o sujeito, objetivando responder questionamentos subjetivos acerca das suas expectativas, anseios e perspectivas dentro do processo avaliativo. Segundo MINAYO (2010, p. 21) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificada”.

Através da análise do PPP (Projeto Político Pedagógico) da Unidade Escolar foi possível conhecer a trajetória da escola, seus objetivos, o perfil dos alunos por turno e os projetos desenvolvidos, bem como as ações da escola que visam a participação familiar. Essa análise foi de suma importância para a definição da amostra utilizada na pesquisa.

Um questionário com questões objetivas e subjetivas foi aplicado tanto para os professores quanto para os alunos. Os sujeitos participantes da pesquisa não tiveram a obrigatoriedade de se identificarem, assim os alunos foram identificados por números e os professores pôr letras na ordem alfabética.

Para a questão “Há alguma relação entre a nota que você expressa no seu boletim e o que acontece em sua casa?” A maioria dos entrevistados, responderam que sim, associando os acontecimentos diversos ocorridos no lar como fator influenciador do desempenho nas avaliações. Segundo Capelatto:

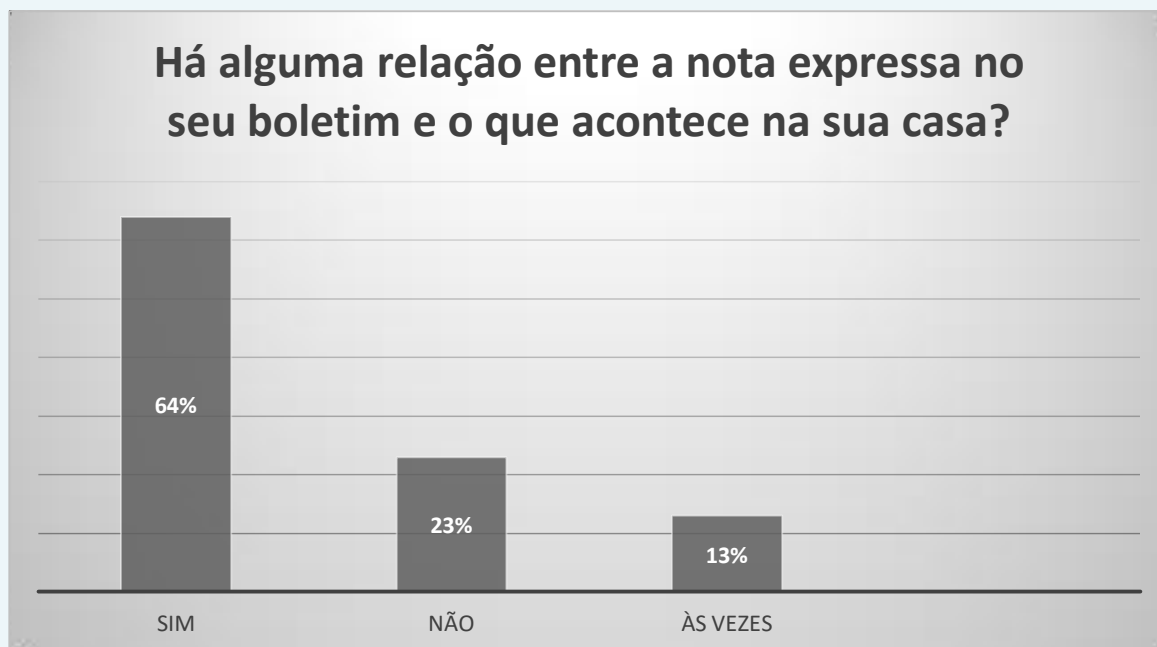
A família pode ser fundamental na realização pessoal do indivíduo, mas, também pode ser um foco destrutivo e mórbido de sua vida. Por ser uma instituição afetiva, não possui regras claras, podendo oferecer experiências prazerosas ou trazer relações tristes e agressivas. (CAPELATTO apud BALTAZAR, 2006, p.32-33)

A escola não pode ficar alheia a essa realidade, repensar as práticas pedagógicas e estabelecer vínculos com as famílias constitui um desafio constante para as escolas que ao mesmo tempo que visa a coletividade não pode se desvencilhar da singularidade. Alguns dos estudantes colaboradores da pesquisa, afirmaram já ter realizado provas e, ou atividades avaliativas ao tempo que estavam passando pôr momentos difíceis como, “pouco tempo da perda de uma pessoa querida”, “preocupações”, “separação dos pais”, “dificuldades financeiras severas” e outros.

Dois relatos de alunos chamaram atenção. O primeiro escreveu: “ uma vez o gás acabou não tínhamos dinheiro para comprar de imediato, a compra aconteceu uma semana depois, foi uma semana difícil, eu tinha vergonha, por isso não contei para meus colegas, mas naquela semana minhas refeições mais fortes eram a merenda da escola”. O segundo discorreu “minha mãe saiu de casa, eu como a mais velha de quatro irmãos tive que tomar conta da casa e dos meus irmãos, ela só voltou três meses depois. Nesse período eu tive notas baixas em quase todas as matérias, eu não conseguia fazer os trabalhos e nem estudar para as provas”.

O gráfico 01 confirma a fala dos alunos e reafirma a importância do estreitamento das relações entre a família e a escola.

Gráfico 01. Relação entre notas e acontecimentos externos.



FONTE: Entrevista realizada com os alunos do 3ºano do turno vespertino do C.E.G.L.V.F. F.

Os pais exercem papel de grande importância na educação dos filhos. Esse papel não pode ser negligenciado ou minimizado. É preciso que os pais se apropriem dos seus deveres na educação dos filhos. Neste sentido Sandi, nos diz que:

A família é o berço da formação de regras, princípios e valores, outras instituições assim como a escola, possuem também papel muito importante nesta formação moral, a escola se organizando de forma democrática, oportunizando uma vivência cidadã. Dessa forma, promovem o nascimento crescimento do respeito mútuo e o desenvolvimento da autonomia, ingrediente para formação. (SANDI, 2008, p.34)

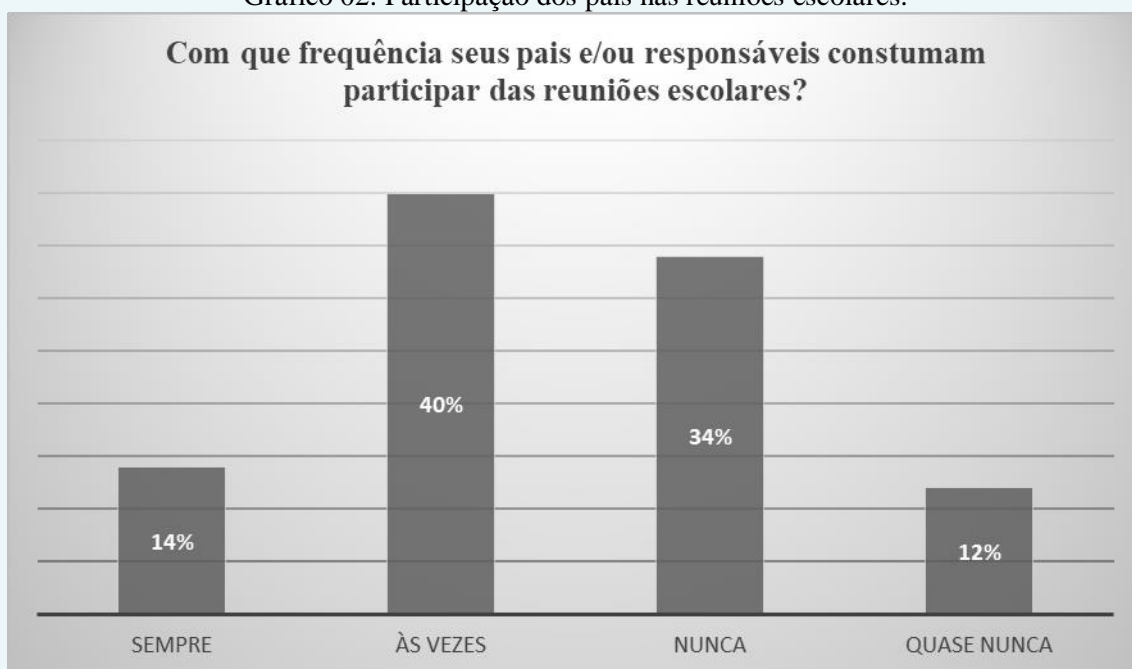
Numa abordagem humanizada da educação, os sujeitos que dela fazem parte devem ter uma relação de diálogo, que possibilite reflexões e ações assim, a confiança deve ser fortalecida e exercitada diariamente. Para Freire (2005):

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar

ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91)

Os alunos foram questionados sobre a frequência dos pais nas reuniões escolares. A baixa frequência e a distância existente entre a instituição familiar e escolar estão expressas no gráfico 02 a seguir que denota um contexto passivo a olhares mais profundos. Grande parte dos educandos entrevistados manifestou incômodo com essa situação, através de falas como: “gostaria que meus pais participassem mais da escola”, “sinto falta de ser perguntado como estou na escola”.

Gráfico 02. Participação dos pais nas reuniões escolares.



FONTE: Entrevista realizada com os alunos do 3ºano do turno vespertino do C. E. G. L. V. F.

É perceptível que a ausência dos pais, nas reuniões, entre outras coisas, causa desconforto aos professores e gestores escolares. Frente a esta situação Reis (2007) afirma que:

Os pais devem tomar consciência de que a escola não é uma entidade estranha, desconhecida e que sua participação ativa nesta é a garantia da boa qualidade da educação escolar. As crianças são filhos e estudantes ao mesmo tempo. Assim, as duas mais importantes instituições da sociedade contemporânea, a família e a escola, devem unir esforços em busca de objetivos comuns. (REIS, 2007, p.06)

Ainda na linha de responsabilidades compartilhadas e objetivando conhecer a visão dos pais sobre o processo avaliativo e o nível de envolvimento dos mesmos no processo de aprendizagem dos filhos/alunos, foram realizadas perguntas voltadas ao comportamento dos pais em determinadas situações. Nas questões:

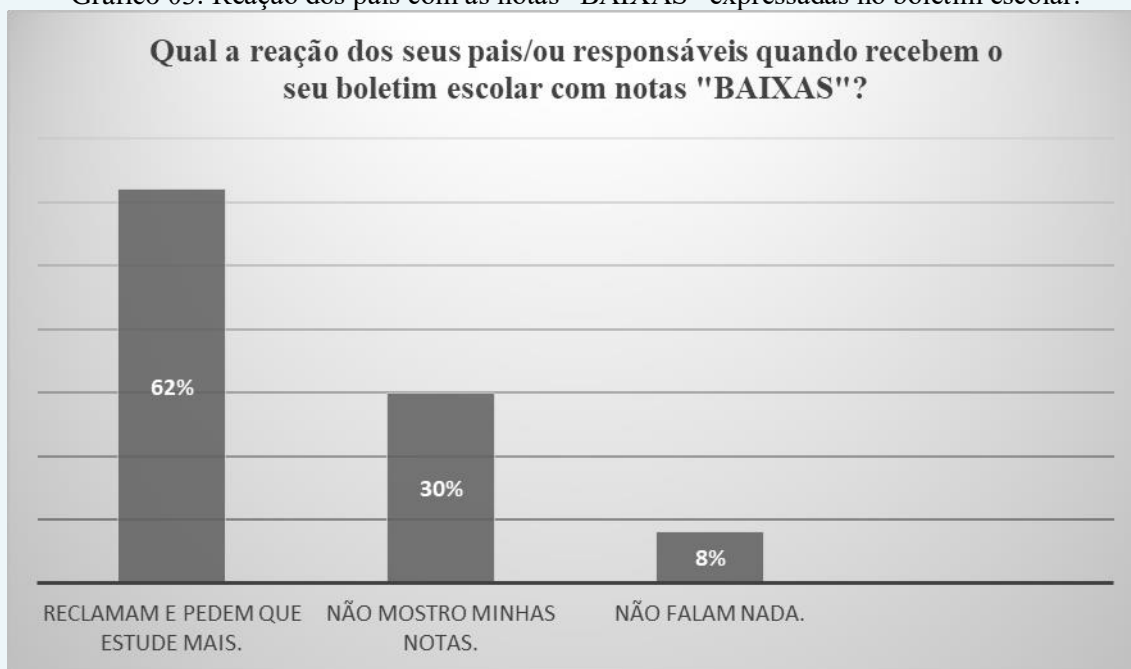
“Quando você mostra seu boletim para seus pais e/ou responsáveis e as notas são *baixas*. Qual é a reação deles? ”

“Quando você mostra seu boletim para seus pais e/ou responsáveis e as notas são *altas*. Qual é a reação deles? ”

As respostas demonstraram uma situação complexa e contraditória. A maioria dos pais valorizam boas notas, esperam isso dos filhos e associam a sua obtenção ao sucesso na aprendizagem. Muitos alunos disseram que, para os pais, “se eles tiram notas boas é porque estão indo bem na escola”.

Com isso, foi possível perceber que ao olhar o boletim os pais fazem uma série de inferências positivas ou negativas. No entanto, esses mesmos pais, não frequentam a escola, poucos participam ativamente ou quase nunca vão as reuniões. Para muitos olhar o boletim é suficiente, fazendo com muitos mensure junto com as médias todo o aspecto formativo do educando/filho. Os gráficos 03 e 04 demonstram esse diagnóstico.

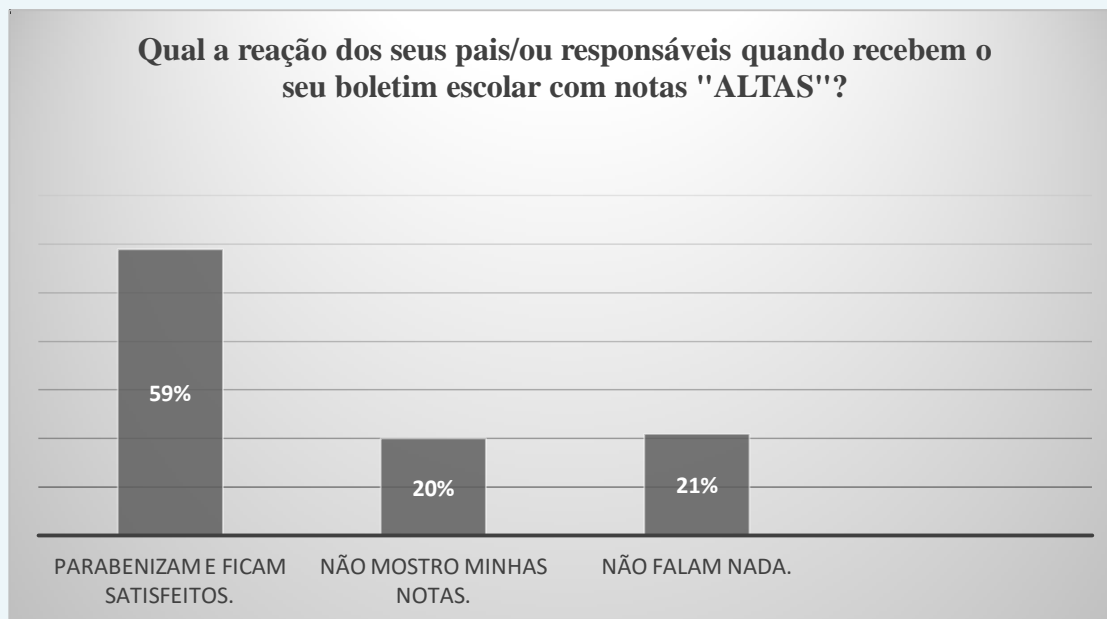
Gráfico 03. Reação dos pais com as notas “BAIXAS” expressadas no boletim escolar.



FONTE: Entrevista realizada com os alunos do 3ºano do turno vespertino do C. E. G. L. V. F.



Gráfico 04. Reação dos pais a notas “ALTAS”



FONTE: Entrevista realizada com os alunos do 3ºano do turno vespertino do C. E. G. L. V. F.

O sistema educacional brasileiro, para a educação regular, exige uma nota mínima, considerada média, sendo condição de aprovação para a série seguinte logo, a reunião acaba sendo direcionada a discussão sobre “notas”. Neste sentido Luckesi, (2006), assevera que:

(...) as notas se tornam a divindade adorada tanto para o professor como pelos alunos. O professor adora-as quando são baixas para mostrar a sua “lisura” (“não aprovo de graça, sou durão”); por mostrar o seu “poder” (“ não aprovo qualquer aluno e de qualquer jeito”). O aluno, por outro lado, está a procura do “Santo Graal” - a nota. Ele precisa dela, não importa se expressa ou não uma aprendizagem satisfatória; ele quer a nota. Faz contas e médias para verificar a sua situação. É a nota que domina tudo; é em função dela que se vive na prática escolar. (LUCKESI, 2006, p.24)

Os pais reafirmam essa adoração às “notas” ao condiciona-las a aprovação dos filhos. Entender o propósito das reuniões é fator condicionante a frequência dos pais. A escola precisa deixar claro, que as reuniões de pais vão além de passar informações e de mensurar rendimentos, “Os encontros devem mostrar as intenções educativas da escola e a evolução da aprendizagem, além de discutir estratégias conjuntas para melhorá-la”. (SILVA apud HEIDRICH, 2009)

Questionamentos sobre a participação dos pais foram realizados aos professores e todos destacaram a importância da participação dos pais na escola e ressaltaram que “os alunos mais dedicados e com melhores desempenho, são aqueles que possuem acompanhamento familiar”.

Os docentes foram questionados sobre “o nível de participação dos pais na escola. 100% marcou a opção “baixa” e quando questionados sobre o sentimento deles em relação a ausência dos pais na escola, as respostas variaram entre tristeza, decepção e até abandono. A equipe gestora destacou que “quanto maior o nível de escolaridade, menor a frequência dos pais nos eventos e reuniões”. Como a pesquisa foi realizada com os alunos do 3º ano do ensino médio, essa fala se confirmou.

De acordo com Franco (2010) nas últimas décadas, a relação entre a escola e as famílias ou responsáveis pelos alunos tem passado por momentos de turbulência, em consequência das mudanças sociais e econômicas que foram, gradativamente, distanciando essas duas instituições.

Para os professores, é nítido nos dias atuais que os pais têm deixado de cumprir suas responsabilidades como educadores. Para tais profissionais da educação, eles vêm negligenciando o seu papel e buscam na escola muito mais do que ela pode oferecer. A função da escola é distinta da dos pais, e, realmente, isso é uma realidade. (CAETANO, 2009, p.19)

A fala do autor expressa o sentimento de muitos docentes, um dos professores que colaborou com a pesquisa afirmou que “muitos pais só procuram a escola no final do ano quando o filho está prestes a ser reprovado” outro disse ainda que “tem pais que chegam a afirmar no final do ano que estão surpresos com o resultado negativo do filho, pois acreditavam que ele estivesse indo bem na escola”. Essas falas evidenciam a falta de acompanhamento familiar e de diálogo com a escola.

## Conclusão

Com a realização desta pesquisa foi possível perceber que, para haver uma educação transformadora e significativa, a instituição escolar e familiar, devem andar juntas, partilhar objetivos e acompanhar o processo de aprendizagem do aluno/filho.

A escola por sua vez deve buscar aproximação, com estratégias que dê condições para que os pais possam participar das reuniões e se envolverem no processo educacional de forma efetiva e interativa.

A pesquisa trouxe algumas reflexões acerca da formação do indivíduo, que é um ser social e está inserido em um contexto que vai além dos muros da escola. A educação almeja a construção de saberes que dê autonomia aos indivíduos para que os mesmos possam atuar de forma crítica e consciente na sociedade da qual eles já fazem parte.

Foi possível discutir sobre a necessidade da escola e da família exemplificarem de forma prática para os alunos/filhos que é possível dar opiniões, sugestões, debater sobre assuntos e problemas diversos prezando sempre o respeito e o diálogo. Outra reflexão pertinente foi sobre a relação de “culpa” pelo não aprendizado. Sendo possível considerar que procurar culpados não vai resolver os problemas. Podendo inclusive gerar sentimentos de fracasso, angústia e tensão em todos os envolvidos no processo.

Contudo foi possível concluir que as reuniões de pais fazem parte das práticas avaliativas e como tal devem se estabelecer como parte integradora e indissociável do aprendizado escolar. Nem as escolas e nem as famílias estão sozinhas no processo educacional. Cada uma tem seu papel e sua importância na formação moral, física e intelectual do indivíduo sendo assim uma relação de confiança e cooperação, simbolizando a consolidação de uma parceria precisa ser estabelecida desde o primeiro dia de aula.

## **Bibliografia**

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96**. Brasília. MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente 8069/90**. Brasília. MEC 2004.

\_\_\_\_\_. **Constituição Federal. Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Ministério das Comunicações, 1988.

FRANCO, Francisco Carlos. **As reuniões na escola e a construção coletiva do projeto educacional**. São Paulo: Loyola, 2010.

JARDIM, A. P. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem**. Presidente Prudente: Unoeste, 2006. MARCHESI, ÁLVARO; Gil H. Carlos. **Fracasso Escolar - uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

OSORIO, Luiz Carlos. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAROLIM, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Fortaleza, 2003.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PARO V. H. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2007.

REIS, Risolene Pereira. **Relação família e escola: uma parceria que dá certo**. Mundo Jovem: um jornal de ideias. p. 06. Ano XLV –nº 373 - Fevereiro de 2007.

SYMANSKY, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano, 2001.

SUTTER, Graziela. **Refletindo sobre a relação família escola**. 2007, disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/refletindo-sobre-a-relacao-familia-escola/926/>. Acessado dia 06/11/2018.

### Sobre o (a/s) Autor(a/s)

#### Autor 1

Mestranda em Ciências da Educação pelo Programa da FICS- Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Assunção – Paraguai. Atua como Professora da Educação Básica da Rede Estadual e Municipal de Ensino no Município de Guanambi-BA, Brasil.  
Email: anaina.1@hotmail.com